



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC

CENTRO DE HUMANIDADES

LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA-KUABA

JAMILA DE SOUZA SILVA

MARIA SILVA SAMPAIO

**HISTÓRIA DA ALDEIA JACINTO DA ETNIA POTYGUARA DE MONSENHOR
TABOSA-CE**

FORTALEZA

2022

JAMILA DE SOUZA SILVA

MARIA SILVA SAMPAIO

**HISTÓRIA DA ALDEIA JACINTO DA ETNIA POTYGUARA
DE MONSENHOR TABOSA-CE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Federal do Ceará-UFC, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura Intercultural indígena- KUABA.

Orientador: Prof. Dr. Martinho Tota Filho Rocha de Araújo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S1h SOUZA SILVA/SILVA SAMPAIO, JAMILA DE/MARIA.
História da aldeia jacinto da etnia potyguara de Monsenhor Tabosa-Ce / JAMILA DE/MARIA
SOUZA SILVA/SILVA SAMPAIO. – 2023.
20 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades,
Licenciatura Intercultural Indígena Kuaba, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. Prof. Dr. Martinho Tota Filho Rocha de Araújo .

1. RECONHECIMENTO. 2. ESPIRITUALIDADE. 3. PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA. I. Título.
CDD 305.898098131

HISTÓRIA DA ALDEIA JACINTO DA ETNIA POTYGUARA DE MONSENHOR TABOSA-CE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal do Ceará - UFC, como requisito final para a conclusão do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena-Kuaba.

JAMILA DE SOUZA SILVA

MARIA SILVA SAMPAIO

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Martinho Tota Filho Rocha de Araújo (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

(Examinador) Universidade Federal do Ceará (UFC)

(Examinador) Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedicatória

Dedicamos esse trabalho primeiramente à Deus, pelo dom da vida. Sem ele não estaríamos aqui escrevendo estas palavras. A toda nossa família por todo o apoio recebido, nosso muito obrigado. Este trabalho é dedicado a vocês. Aos amigos e colegas, pelo incentivo, pelas risadas e por não nos deixarem desistir, mesmo nos momentos de maior dificuldade. Ao nosso orientador Professor Martinho Tota Filho Rocha de Araújo por todo o engajamento com esta apostila, por estar sempre disposto a esclarecer dúvidas e ajudarmos a finalizar mais esta etapa com sucesso. Sem dúvida, dedico este trabalho aos professores e a coordenação do curso em nome da pessoa de Cleber Saraiva, que mais do que repassar conteúdos, ajudaram na minha formação de maneira enriquecedora, sempre permeando suas atitudes com ética e profissionalismo. Vocês são exemplos que eu quero levar para minha vida pessoal e profissional

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus por ter nos dado a chance de ter chegado até aqui e concluído este trabalho. Agradeço à Instituição por todo o suporte com todos os materiais necessários para a realização do mesmo. Agradecemos a nossa família, nossos colegas que nos apoiaram e nos incentivaram durante todo o processo de pesquisa e produção da obra.

Agradecemos a todos os professores, alunos e funcionários dessa instituição de ensino, que de alguma forma, contribuíram positivamente para nossa formação acadêmica e intelectual.

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	
2. HISTÓRIA DA ALDEIA JACINTO.....	
3. IDENTIFICAÇÃO INDÍGENA.....	
4. ARVORE GENEALÓGICA DA UNIÃO ENTRE AS PRIMEIRAS FAMILIAS BENTO E UGENA DA COMUNIDADE DE JACINTO.....	
5. EDUCAÇÃO INDIGENA.....	
6. AGRICULTURA DE SUBSISTÊNCIA.....	
7. REMÉDIOS CASEIROS.....	
8. REZADORES.....	
9. CULTURA INDIGENA.....	
10. LUGARES DE MEMÓRIA.....	
11. HISTÓRIA DE MEMÓRIAS.....	
12. CREDO DA ALDEIA JACINTO.....	
13. LENDAS DOS POTYGUARAS DA ALDEIA JACINTO.....	
14. ATUALMENTE.....	

1. INTRODUÇÃO

Esta cartilha tem como objetivo, preservar as memórias, costumes e tradições vividos pelos os moradores da comunidade, a chegada das primeiras famílias da comunidade de Jacinto. Desde a criação da comunidade, a chegada das primeiras famílias e forma de educação de antigamente e também contar a relação com a etnia potiguara e sua contribuição na formação da comunidade trazendo os conhecimentos das plantas medicinais, na alimentação, ritos e festas.

Os moradores desta aldeia, auto identificados como Potiguara, relatam estreitas relações de parentesco com os Potiguara das aldeias várzeas dos Bentos, Longar dos Bentos, Espírito Santo e Passagem na medida em que são descendentes de um mesmo antepassado, Manoel Viturino Bento, sendo este também citado nas “histórias das origens” dos Tubiba- Tapuia da aldeia Pau Ferro. Nestas aldeias, a história oral reincidentemente remota a sua ancestralidade a uma índia “tapuia” ou “mateira”, “pega dente de cachorro e amansada”. Os Potiguaras do Jacinto também mencionam relações de parentesco com os Potiguaras da aldeia Merejo, ambas mantendo ligações por terra, chamada pelos nativos de “vereda”, pela Serra da Cupira, entre outras denominações. O acesso a aldeia Merejo é um dos mais difíceis tendo em vista a distância deste núcleo indígena de habitação permanente em relação a estrada carroçável mais próxima. Nas vizinhanças da Aldeia Jacinto, encontra-se a aldeia Mundo Novo, a cerca de 18 km da área urbana de Monsenhor Tabosa.

A aldeia Mundo Novo, é considerada como a precursora do movimento organizado pelo reconhecimento étnico e territorial do povo indígena de Jacinto. sul da sede do município de Monsenhor Tabosa. Ali também está a coordenação geral de grande parte das escolas indígenas do território. Aliás, a origem do movimento de reconhecimento étnico territorial nesta região parece está diretamente relacionada a luta dos Potiguaras da aldeia Mundo Novo por uma escola indígena diferenciada, a qual se destaca a liderança da Professora Teka Potiguara. A aldeia indígena Jacinto faz parte um território que hoje é denominado de Terra Indígena Potigatapuia”, nome que aglutina e simboliza de forma emblemática a presença efetiva dos Potiguara, Tabajara, Gavião e Tubiba-Tapuia neste espaço territorial e de sentido, local de

compartilhamento de uma origem comum presumida que se reproduz e se mantém por meio de relações de parentesco, alianças matrimônias e laços de solidariedade.

2. História de origem da Aldeia Jacinto

Segundo Joaquim Teodósio dos Santos, falecido em 27 de dezembro de 1976, contava que os indígenas naquela época fugiram de uma determinada região com medo dos homens brancos e se esconderam na bica do Ipu, durante a noite eles esculpam escada para poderem sair das locas de pedra e conseguem fugir para Serra Grande e os outros para Piauí. A partir desses indígenas, formou-se duas famílias bentos e Ugena e seus descendentes chegaram ao Jacinto.

A comunidade de Jacinto dos Bentos, surgiu por volta de 1905, com a chegada das famílias Gino, Teodósio, Bentos, Eugenio e Vermelho. A comunidade pertence à cidade de Monsenhor Tabosa e está situada a 12 km de sua sede. Atualmente conta com mais de 182 moradores sendo em sua maioria de etnia indígena.

Em apoio à educação, Doca Cedro e Dórica Sampaio doaram terras para que fosse construída uma escola de Educação tradicional. Os primeiros professores foram Lindalva da Rocha de Sousa, Marionete, Francisca Sampaio, Vilana, Maria Silva Sampaio, Nete, Célia, Aurinha, Beta, Aurinete, Neusa, Eliete, Salete, Josileuda, expedita, porém sendo a maioria indígena, a educação tradicional não se aproximava da cultura e realidade vivida pelos alunos.

Em 2000, foi construída a escola diferenciada a Escola Diferenciada de Ensino Fundamental e Médio Caatinga de Jacinto.



3. IDENTIFICAÇÃO INDÍGENA

A luta pela identificação indígena iniciou nos anos 2000, as primeiras pessoas que se agregaram ao movimento indígena eram familiares do Zé Cristina e da Maria Silva Sampaio conhecida como Marlúcia, após mais famílias se juntaram na luta, todos buscavam resgatar a história, a cultura e reivindicar seus direitos. Marlúcia uma das primeiras a se identificar indígena, começou a estudar a cultura e a língua indígena na Aldeia Mundo Novo com a professora Teka Potiguara.



4. ARVORE GENEALÓGICA DA UNIÃO ENTRE AS PRIMEIRAS FAMILIAS BENTO E UGENA DA COMUNIDADE DE JACINTO.

Família Ugena (Joaquim Ugena)	Família Bento (Manoel Bento)
Manoel Ugena	Paula Bento
Julia Ugena	Anastácio Bento
Maria Ugena	Manequim Bento
Dilurde Ugena	Astrogildo Bento
Francisco Manoel Ugena	Eronilda Bento
Socorro Ugena	Luiz Bento
Antônio Ugena	Santa Bento
Raimundo Ugena	Antonieta Bento
Antônio Ivião Ugena	Auristeia Bento
Luiz Ugena	Beatriz Bento
Valeria Ugena	Leu Bento
Valdecir Ugena	Eliete Bento
João Ugena	Gorete Bento
Anaiara Ugena	Javan Bento
Lionete Ugena	Mauro Bento
Maria Nete	Francivaldo Bento
José Cristina	Maura Bento
Valdir Ugena	Vanda Bento
Fatima Ugena	José Bento

5. EDUCAÇÃO INDÍGENA

Na pedagogia indígena, aprende-se a viver um dia de cada vez, o aluno adquire conhecimentos que precisa levar para toda a vida. Esses conhecimentos são ensinados pelos avós, pais, tios e comunidade pelo exemplo e experimentação. A

tradição cultural dos antepassados é um valor fundamental e base do trabalho pedagógico.

Ao longo dos anos a comunidade indígena lutou por uma escola em que os professores além de ensinarem o método convencional também passassem a ensinar a cultura indígena, valorizando a identidade étnicas, respeitando a tradição cultural dos antepassados, preservando a tradição da oralidade e gestos, símbolos, crenças e utilizar dos conhecimentos locais do aluno fossem trazidos para dentro da sala de aula.

A primeira escola diferenciada foi construída em 2000, e recebeu o nome da Escola de Ensino Fundamental e médio caatinga de Jacinto. Anos depois foi construída outra escola no qual recebeu o Nome Joaquim Ugena Potiguara uma homenagem póstuma a pessoa mais velha da comunidade.



6. AGRICULTURA INDÍGENA.

Os moradores da aldeia Jacinto são trabalhadores rurais que sobrevivem do cultivo da terra e aos longos dos anos foram transmitindo aos filhos os métodos de cultivo. Desde o início da comunidade os povos indígenas colaboram com novas formas de cultivo e influenciaram na alimentação. Ainda hoje quando um dono de roçado está doente, as pessoas se reúnem e trabalham nas suas terras.



7. REMÉDIOS CASEIROS

Antigamente quando o povo dessa comunidade adoecia só eram tratados com remédios caseiros. Os mais velhos, curandeiros e pajés, que tinham um vasto conhecimento das plantas que podiam curar cada tipo de doença, como a flor da catingueira, cujo chá serve para a curar a tosse. Como também, a casca de angico e da raiz da papaconha, que serve para diminuir as dores que a criança sente com o nascimento dos dentes. A casca da maria preta e a casca da almexa que ajuda a combater todo tipo de inflamação.



8. REZADORES

Assim como toda a comunidade, as pessoas buscam nas crenças um conforto espiritual. A comunidade conta com o apoio de vários rezadores, que ao longo de vários rezadores, que ao longo dos anos exercem o papel de ajudar e amenizar o sofrimento daqueles necessitados, seja a curar dor de dente, dor nas costas, quebrante ou mal olhado.

A reza do pajé na aldeia Jacinto começou há 100 anos. O rezador era Luiz Miranda que morreu com 95 anos. Atualmente os moradores creem na cura dos pajés, Astrogildo, Socorro Vermelha, Neuza, Mané Carro e Antônio. Nas curas de enfermidades tais como dores de cabeça, quebrante espinhela caída, ferida, íngua, diarreias, vômitos, febre, dentição, vento caído, mal olhado, nos animais eles curam quebrante nas carnes, as bicheiras nos roçados, com essa ação livra a plantação do mau olhado e dos insetos.

As curas dos pajés são executadas tanto por homens como por mulheres, a fé está na presença do enfermo, das pessoas, animais ou plantação é um requisito para a eficácia da ação, porém com uma exceção, Astrogildo que, quando alguém nas redondezas sofre de alguma enfermidade e por esta razão não pode ir ao seu encontro caso seja requisitado, efetuar a cura de sua própria residência logo cedo, ele se posiciona na frente de sua casa e passa a rezar na intenção da pessoa, esta por sua vez, neste momento, onde quer que esteja, deve se concentrar para receber a cura. A doação pode ainda ser verificada dentro do sistema de saúde Potiguara, campos de cura e uma infinidade de remédios caseiros. As pessoas que exercem este ofício geralmente por esta razão não seriam legítimas cobrar por ele. Porém são recorrentes os agrados, ou seja, em retribuição as pessoas curadas presenteiam seu curador com animais e às vezes com alimentos. Estes agrados são bastante apreciados pelos sentidos da fé.

O pajé da comunidade de Jacinto recomenda a todos os índios terem respeito aos raios, os trovões e aos fenômenos do dia e da noite, a profundidade do céu, mar, sol, lua e as estrelas. Esses são os mistérios que desafia todos os seres humanos. Possuir

em casa, esculturas míticas para poder espantar maus espíritos. As esculturas servem para agradecer as curas e os milagres conquistados pela fé.



9. CULTURA INDIGENA

As aldeias indígenas circunvizinhas se reúnem na comunidade de Jacinto, para levantar assuntos importantes e tomar decisões em relação ao povo indígena, onde se reúnem para celebrar a Festa do milho que ocorre no dia 22 de maio, também para elaborar a cerimônia indígena da Serra das Matas.



Os moradores costumam se reunirem dias antes para preparar a limpeza aos arredores das árvores das mangueiras, no dia trazem alimentos produzidos em seus roçados, tais como: Milho cozido, canjica, milho assado, beiju, canjica, pamonha e muito mais.

Durante o ano acontece o ritual da pajelança, momento de reforço espiritual de nossa aldeia e as aldeias convidadas, também temos o dia do indígena, nesse dia há danças como do manero pau, rituais como o de casamento, batizado, entre outros. Fazendo continuar viva a cultura e revitalizando os costumes.



10. Lugares de Memórias

Os lugares de memória da comunidade são o olho d'água do Simão e os tanques que, quando chovia, as mulheres da comunidade iam lavar roupa.



11. HISTÓRIA DE MEMÓRIA

A ÍNDIA SUZANA Suzana foi uma índia potiguara, que por volta de 1882, morreu tragicamente. Suzana era uma escrava e pertencia ao Coronel Zé Felipe, a mesma trabalhava na casa do coronel nos arredores do que viria a se tornar a localidade Jacinto dos Bentos. Sua morte foi decretada, quando a mesma recusou ter relações íntimas com seu patrão. Revoltado o coronel ordenou aos capangas que a pegasse e a castigasse retalhando suas nádegas e que depois colocasse sal em suas feridas, após isso mandou que fizesse uma fogueira e que a jogasse dentro. A índia mesmo em seus últimos suspiros continuou cantando até a sua morte. Quando amanheceu o Coronel Zé Felipe ordenou que seus criados se livrassem dos restos da índia, revoltados com a crueldade do patrão

colocaram os restos mortais da moça sobre um jumentinho e levaram até a cidade de Tamboril, onde fizeram um tumulto para mesma. Essa história vem sendo contada e repassada de geração em geração.

12.Credo da aldeia jacinto

CREIO NO NOSSO PAI TUPÃ. CREIO NA NOSSA NATUREZA, COMO A TI
MESMO. CREIO NA NOSSA

CULTURA. CREIO NOS ASTROS CELESTES, SOL, LUA, ESTRELAS E SINAIS.
CREIO NA NOSSA

IDENTIDADE. CREIO NA NOSSA LUTA. CREIO NA FÉ DO NOSSO POVO
INDÍGENA. CREIO NA NOSSA

MÃE TERRA. CREIO NOS NOSSOS SIMBOLOS, ELES SÃO UM MEMORIAL
DOS NOSSOS

ANTEPASSADOS.

13. LENDA DOS POTIGUARAS DA ALDEIA JACINTO

Numa noite enluarada, sua esposa, Osmarina grávida começou a sentir as dores do parto. Chico Bento pegou sua bicicleta e muito aflito saiu à procura de uma parteira (mulher que pega menino). A parteira morava num povoado chamado Grota-verde. A parteira chamava-se D' Evangelina chegando à localidade de chupador, existir uma encruzilhada de repente a sua frente apareceu três cordeirinhos brancos como nuvem. Ele se encantou, e começou a correr atrás deles para pegar. Correu, correu, até cansar. Foi aí que percebeu que era uma marmota ficou todo arrepiado e quando olhou para o relógio era 12h00 em ponto ficou todo arrepiado e foi embora morrendo de medo.

14. ATUALMENTE

Aos longos dos anos a comunidade foi se transformando, matas foram destruídas para dar espaços a estradas e casas. Os moradores trocaram seus cavalos, jumentos e bicicletas por motos e carros que facilitou muito a ida ao centro da cidade. O comercio foi expandido e os moradores passaram a vender roupas, alimentos e outras matérias. Hoje a comunidade é também reconhecida como indígena. Que luta ainda pela a demarcação da sua terra. E que já conseguiram vários progressos para o bem estar dos moradores tais como: água encanada, saúde, merenda escolar, computadores e matérias didáticos, funcionários (professores) pagos pelo o governo do estado, 21 anexos, carro que trazem alunos da aldeia Boa Vista para estudar e da Grota Verde, Jacinto e Pau-Ferro para fazerem aulas de computação, aos finais de mês faz planejamento dos assuntos em relação aos anexos é uma escola mãe que trabalha em parceria com a comunidade em geral lutando por melhorias com força de vontade.

